

A aparente liberação dos corpos, sugerida por sua atual onipresença na publicidade, na mídia e nas interações cotidianas, tem por trás um “processo civilizador”, que se empreende e se legitima por meio dela. Devido a mais nova moral, a da “boa forma”, a exposição do corpo, em nossos dias, não exige dos indivíduos apenas controle de suas pulsões, mas também o (auto)controle de sua aparência física (GOLDENBERG e RAMOS, 2002, p. 25).

Assim, vive-se o primado da exposição corporal estética, em que a forma ideal deve ser atingida a qualquer preço, mesmo que o que se almeja não seja mais compatível com a condição que cada sujeito se apresenta. Dessa forma, a estética assume formas de saúde, a fim de civilizar as pessoas a quererem parecer sempre jovens. E a aparência que até alguns anos atrás era apontada como algo que preocupava a classe média e as classes altas passa a estar na ordem do dia de comunidades menos favorecidas, tal como a amostra pesquisada, o que pode ser comprovado pelos dados que emergiram das categorias ligadas à aparência a partir das entrevistas.

A sociedade contemporânea coloca como seu maior valor a saúde e este deve ser o padrão atingido por todos. Com isso, Bauman (2001) explicou que “a sociedade dos consumidores acena aos seus com o ideal da aptidão (*fitness*)” (p. 91). A partir das considerações apresentadas, a saúde passa a ser vista como o corpo perfeito, uma vez que ambos se referem ao manejo do corpo. Tal paradigma, contudo, é um erro, pois saúde e aptidão pertencem a dois discursos muito diferentes e apelam para preocupações muito diferentes.

A saúde é conceituada por esse filósofo como um estado próprio e desejado do corpo e do espírito humanos que, pelo menos em princípio, pode ser mais ou menos descrito e também precisamente medido (BAUMAN, 2001). Refere-se, assim, a uma condição corporal e psíquica que permite a satisfação das demandas do papel socialmente designado e atribuído. Em termos foucaultianos, ser saudável significa ser passível de poder ser empregado, podendo contribuir para a produção com um bom desempenho. Já a aptidão difere-se da saúde por ser um conceito bastante lábil, uma vez que depende do potencial de expansão das capacidades de cada um. Essa se refere a “estar pronto a enfrentar o não usual, o não rotineiro, o extraordinário – e acima de tudo o novo e o surpreendente.” (p. 92).

O referido autor acredita que, se a saúde diz respeito a seguir as normas, a aptidão diz respeito a quebrar todas as normas e superar todos os padrões. Assim, a aptidão é algo subjetivo e desprovido de um fim natural, sendo a satisfação de objetivos desta uma forma momentânea de se atingir prazer. Desse modo, não há espaço para descanso em que toda celebração de sucesso momentâneo requer um intervalo entre rodadas de trabalho. Por conseguinte, as pessoas que carregam consigo aptidão trazem consigo o sentimento de nunca estarem aptos e a certeza da necessidade de continuar tentando.

O autor esclarece que a saúde deveria estar livre dessa ansiedade insaciável, justamente por tratar de algo claro e com a finalidade de alcançar um estado saudável e protegê-lo. Todavia, percebe-se que inclusive a norma da saúde teve seu *status* severamente abalado devido ao paradigma de sociedade que proporciona infinitas e indefinidas possibilidades. Nesse contexto, o cuidado com a saúde torna-se cada vez mais semelhante à busca de aptidão: “contínuo, fadado à insatisfação permanente, incerto quanto à adequação de sua direção atual e gerando muita ansiedade” (BAUMAN, 2001, p. 94).

Dentro desse âmbito sociocultural, a velhice é vista como uma forma de não mais partilhar com os ideais da cultura, fazendo insurgir um grande impasse para aqueles que se encontram diante da



contemporaneidade ao passo que nada mais paradoxal para alguém que passa a ser considerado velho do que o discurso capitalista vigente aliado ao saber científico que este fomenta.

Importa ressaltar que diversas regras e manuais de como envelhecer são criados. Também nunca se pesquisou tanto sobre o (não) envelhecimento, ao mesmo tempo em que o velho é banido da cultura, negado, levado a acreditar que ele tem de parecer novo, fato que leva a pesquisadora a citar a visão de Goldenberg (2008) de que “o corpo, no Brasil, é um verdadeiro capital” (p. 27). Capital este bastante apontado e estudado ao passo que “Em uma cultura, como a brasileira, em que o corpo é um capital, o envelhecimento parece ser vivido como um momento de grandes perdas” (p. 37).

Surge, portanto, o que a cultura atual chama de novo, mas que traduz, na verdade, numa eterna repetição utópica, na medida em que exige de seus componentes não envelhecer. Com isso, vem o desamparo porque, sem atingir os padrões culturais de beleza, agilidade e juventude e ainda fora do imperativo do novo, obsoleto diante da fluidez da cultura, o dito envelhecido é deixado de lado, ridicularizado por mostrar que não é possível globalizar-se sempre.

É nesse contexto que se encontra a questão da representação do corpo feminino atrelada ao modo como cada um constitui sua subjetividade diante da cultura, uma vez que, por não conseguir sua adequação perante o modelo de corpo imposto, haverá consequências diretas em sua vida psíquica (BORIS e CESÍDIO, 2007).

Tal submissão às leis da estética, por vezes disfarçada de saúde, leva à despersonalização da mulher, que abre mão de sua subjetividade para se adequar a um modelo de corpo induzido, vivenciando um vazio existencial. Esse fato ocorre, principalmente, quando o corpo, por razões biológicas, passa a não mais corresponder aos anseios da cultura. Nas mulheres, isso ocorre com a chegada da meia-idade, ou seja, quando o desequilíbrio hormonal da menopausa, acompanhado pela desvalorização estética do corpo e por toda uma sintomatologia física e psíquica sinaliza o envelhecimento inevitável e a finitude.

Para Mori e Coelho (2004), a compreensão do fenômeno do envelhecimento feminino engloba, acima de tudo, aspectos socioculturais, uma vez que envelhecer significa distanciar-se da exigência de corpo perfeito, a qual valoriza beleza e saúde.

Nesse âmbito, o corpo de muitas mulheres de hoje é controlado e mutilado, e o sofrimento imprimido pela “imperfeição do corpo” necessita ser pensado criticamente, a fim de que “as mulheres lutem pela mais básica das liberdades: a de imaginar o próprio futuro e de ter orgulho da própria vida, demonstrar sua lealdade para com sua idade, seu corpo, sua pessoa e sua história” (GOLDENBERG, 2004, p. 49).

Considerações finais:

Cabe, portanto, neste momento, refletir sobre a importância da aparência na sociedade contemporânea, uma vez que essa possui um papel central na forma como o parecer desejado pela sociedade é construído. Tal papel se deve à condição de item indispensável na construção e reprodução do que é socialmente tido como feio ou bonito, velho ou novo. Isso ocorre porque não é possível apontar onde fica declarado abertamente a feiúra da velhice ou a beleza da juventude, mas sim reproduzido, de forma muito ambivalente, no desejo para que o espelho mostre o que socialmente se deseja ver.

Dessa forma, o que emerge através do espelho da aparência é reflexo do que é socialmente construído como vergonhoso, mas apresenta-se como um destino inexorável de qualquer ser humano.



Assim, à medida que a juvenilização se torna dominante nas imagens da sociedade (corpo forte, esteticamente belo, potente e realizador) a ilusão de ver no espelho o que socialmente se deseja ver aumenta e o sagrado cresce aos olhos das pessoas que envelhecem de forma que o cúmulo da ilusão é também o cúmulo da sacralização. Com essa interpretação decresce a verdade, de um corpo cuja aparência e funcionalidade já não poderão ser as mesmas dos tempos de juventude e que fazem parte do cotidiano de qualquer um. Essas imagens fundem-se num curso comum da vida, onde o que era diretamente vivido se esvai na fumaça de uma representação, de uma ilusão.

Referências:

ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1999.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARROS, M. M. L. de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In - BARROS, M. M. L (Org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade memória e política*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 113-168.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORIS, G. D. J. B. E.; CESÍDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Fortaleza 7 (2), 451-478. set 2007.

COSTA, J. F. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DEBERT, G.G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: FAPESP, 2004.

DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

DEL PRIORE, M. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Senac. (Série Ponto Futuro), 2000a

GOLDENBERG, M. *De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004

GOLDENBERG, M. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2007.



GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In GOLDENBERG, M. (org). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19 - 33

GOLDFARB, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LEDER, D. *The absent body*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1990.

MORI, Maria Elizabeth; COELHO, Vera Lucia Decnop. Mulheres de corpo e alma: aspectos biopsicossociais da meia-idade feminina. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000200006&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Apr. 2011. doi: 10.1590/S0102-79722004000200006

SÁNCHEZ, M. & ROEL, I. (2001). El proceso de envejecimiento en la mujer. *Revista Tiempo: El portal de la Psicogerontología*, 8. Disponível em: <<http://www.psicomundo.com/tiempo/>>. Acessado em: 30/12/2005.

SILVA, R. B. R. *A mulher de 40 anos: sua sexualidade e seus afetos*. Belo Horizonte: Gutenberg, 2006.

Contato:

vnolascoferreira@gmail.com

Recurso Tecnológico para Apresentação Oral:

Computador;

Projektor para Data Show